

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2019



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa),
Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa),
António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo),
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid),
Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles),
Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa),
Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz
(Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universitat Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Furnari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

MATERNITY AND FILICIDE

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

Seven against Thebes, 287-368

Marta González González

51 ESTUDOS

ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos
feitos por templos

BANKING GODS:

a selection of Old Babylonian temple loan contracts

Lucas G. Freire

77 A "TERRA BÍBLICA" DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

THE "LAND OF THE BIBLE" OF THE FIRST TESTAMENT:

building of a religious space

Sofia Beato

93 "A MALDIÇÃO DA MÚMIA".

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de
Tutankhamon

"THE CURSE OF THE MUMMY".

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales & Susana Mota

- 119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 139 A HÉLADE EM ROMA.
A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*
GREECE IN ROME.
The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum
Álvaro Martinho
- 165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.
EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.
Filipe Carmo
- 187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA
REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS
Carlotta Montagna

219 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:
a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI
PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:
on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI
Amílcar Guerra
- 235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA
TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA
Telo Canhão

251 RECENSÕES

REVIEWS

333 IN MEMORIAM

341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

revisão de muitos dos aspetos abordados. Nem todas as refutações apresentam já respostas, e muitas das alternativas carecem de consenso. Não representa, ainda, uma viragem profunda que requererá, então, uma nova síntese.

Martim Aires Horta

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

KATHY L. GACA (2003), *The Making of Fornication: Eros, Ethics, and Political Reform in Greek Philosophy and Early Christianity*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 359 pp. ISBN 978-0520235991 (\$85.00 Hardback).

Num primeiro capítulo de introdução a esta obra, a Autora, que é professora de Estudos Clássicos na reconhecida Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, declara que o seu intento para empreender esta investigação foi o de procurar esclarecer as antigas coordenadas sexuais gregas que parecem estar subjacentes ao ordenamento de valores e de comportamentos e que constituem o padrão a que se recorre para eventuais projetos e processos de reforma da ordem social. Este problema é de âmbito filosófico e simultaneamente historiográfico e tem grande significado, tanto pelos seus níveis imediatos como pelas linhas de força que atravessam todo o sistema ético, cultural, político e, em consequência disso, marcam o discurso religioso.

Com efeito, é por sobre esta vertente de definição e separação das águas que assenta a linha de convergência entre o entendimento da sexualidade por parte dos gregos e dos pensadores cristãos dos primeiros séculos. Desse entendimento deriva um sistema de valores e padrões que se codificou no discurso cristão essencial e, como tal, tem marcado a nossa civilização ao longo de muitos séculos. As ideias de Platão, dos estoicos e dos pitagóricos começam a partir daí a informar as ideias cristãs sobre aquilo que é permitido e sobre o que pode ser considerado mais ou menos construtivo em matéria de comportamentos sexuais e da sua contribuição para o ordenamento da sociedade. Tendo em conta a situação conjuntural das culturas no cristianismo primitivo, a tradução grega dos Setenta, os escritos de Paulo e os de Filon de Alexandria são igualmente assumidos como tendo contribuído para esta confluência. Ambas as plataformas que constituem a matéria desta comparação, a helénica e a judaico-cristã, são assumidas em nome do denominador comum de serem textos em grego. É claro que os textos em línguas semíticas poderiam ter igualmente razões legítimas para serem convocados e integrados neste exercício. Mas, deste modo, o âmbito e o percurso demonstrativo resultariam evidentemente diferentes.

Este espaço de interação veio, de algum modo, consolidar e projetar o próprio legado dos movimentos filosóficos gregos referidos, dirigindo-os para ulteriores horizontes históricos. Nesta comparação, cabe ao texto grego dos Setenta representar o património de pensamento, de mentalidade e de normatividade derivados da Bíblia. Enquanto helenista, a Autora serve-se deste texto, não porque espere encontrar nele algo muito diferente do que encontraria no texto hebraico, no terreno específico da matéria sexual, mas simplesmente porque este pensamento bíblico se encontra expresso em grego e porque, no contexto que pretende analisar, era precisamente aquele

o texto mais lido e que, por conseguinte, foi ele que mais serviu para a construção do edifício de pensamento sobre a sexualidade com matizes evidentes de biculturalidade. Quando o imperador Teodósio decidiu estabelecer o cristianismo como única filosofia social, escolhida para dinamizar o Império, estes padrões de comportamento sexual constituíam já uma síntese dos dois mundos; e aquilo que estava a ser estabelecido apresentava-se já como um programa oficial. Depois, a expansão europeia da idade moderna acabou, de algum modo, por projetar estas coordenadas para um alcance planetário.

Entretanto, o legado de pensamento sobre a sexualidade que decorre destas escolas gregas não se apresenta de modo uniforme, nem mesmo no interior de cada uma delas, considerando a diversidade entre os vários autores e a variedade que se desenha com as respetivas épocas de evolução. Aquilo que a Autora realmente pretendeu foi conseguir um entendimento claro dos motivos e princípios que fizeram com que muitos cristãos dos primeiros séculos se orientassem para uma vida de ascetismo tão radical (p. 10) como aquele que a literatura dos primeiros séculos amplamente relata. E assim, os filósofos aqui estudados parecem ser tão importantes como as escrituras bíblicas para estes pensadores cristãos do séc. II, a quem coube o significativo papel de fazer a transição entre a era apostólica e a idade da Patrística.

O livro está estruturado em três partes. Na primeira parte, estuda as reformas de incidência sexual desenvolvidas pelos filósofos gregos. Estes procuraram definir as incidências de comportamento sexual na maneira como idealizavam e planificavam as reformas da vida social. Entretanto, a adesão a estas ideias de reforma ética, social e política, bem como a sua aplicação prática por parte das populações, era menos rigorosa e menos eficaz do que a construção lógica com que se estruturavam as respetivas reformas. A prática contém mais fatores de síntese do que as teorias.

Para exemplificar o pensamento grego sobre a sexualidade e a sua integração no sistema de construção de uma sociedade de modelo humano mais exigente, a Autora dirige-se primeiramente para Platão, mostrando como a sua análise dos comportamentos humanos de âmbito erótico se enquadra num sistema específico de sentido e se inscreve no horizonte dos valores com que se constrói e se define a sociedade e o seu sistema de objetivos, valores e estratégias. Analisando em atento pormenor a complexidade dos dinamismos que governam o *eros*, com o seu significado e as suas possibilidades de desordem e excesso, Platão tende a sublinhar que o objetivo humano deste instinto se situa para além dos mecanismos e metas mais imediatos da fruição sexual, ainda que esta absorva inquestionavelmente uma grande parte do investimento e da experiência dos humanos nestes domínios. Entretanto, Platão aponta programaticamente para um bom enquadramento social e comunitário da sexualidade, mesmo a de âmbito procriativo. Esta dimensão da sexualidade encontra-se, ela própria, integrada num programa social que é meticolosamente definido. Uma dose elevada de autodomínio e até mesmo de verdadeira ascese em matéria sexual são a maneira principal a que Platão recorre no sentido de promover um elevado nível de humanidade e de eficácia para o humano, garantindo um melhor nível de qualidade na vida futura, que, na intuição platónica das coisas, poderia andar associada a modalidades de reencarnação qualitativamente diferenciadas entre si. A sexualidade é essencialmente constituída por emoções socialmente partilhadas e é no domínio da criatividade social que se projeta o seu sentido.

Por outro lado, a perspetiva dos primitivos estoicos assenta diretamente num sentimento de confiança sobre o bom entendimento que se reconhece entre o *eros* e a razão. Por isso, junto

dos autores desta escola não se notam as mesmas preocupações de ascese e de autodomínio que caracterizam a atitude de Platão. Estes são mais positivos no que toca à apetência dos humanos para o mútuo convívio sexual. Vivido de forma espontânea e livremente aceite pelo outro, este convívio é a base de bem-estar e de felicidade. As coordenadas estoicas sobre a sexualidade mantêm, no entanto, linhas de convergência com as ideias de Platão, no sentido em que também consideram a sexualidade situada num horizonte de partilha com os outros em função da construção da sociedade. Esta partilha está chamada a ser múltiplamente livre e, por isso mesmo, corresponsável quanto à construção de um ideal de comunidade, que esteja baseado em liberdade, tolerância, respeito e mútua afetividade. A sexualidade é o espaço do relacionamento humano em modelo de namoro. Este sentido social e comunitário da sexualidade exprime-se no facto de que todos os adultos se devem apresentar como sexualmente amadurecidos e comunitariamente comprometidos em assumir uma espécie de comunhão universal numa relação de parentalidade para com todos os que, no interior da sociedade, se encontram em condições de poderem ser considerados e tratados como filhos. Esta maneira positiva de olhar para os dinamismos do *eros* manteve-se, de algum modo, ao longo da história do estoicismo, dando-lhe uma modalidade equilibrada, suave e atrativa de humanismo.

Porém, o enquadramento da vida sexual na função procriativa, sendo, segundo os estoicos, vivida numa modalidade de comportamento mais livre e aberto, tinha ainda tendência para se ver restringida até ao ponto de alguns chegarem a justificar a atividade sexual apenas no casamento e, mais uma vez, apenas como um projeto de procriação. Esta definição contraposta entre objetivos originou estados de tensão, com polaridades por vezes quase contraditórias, que poderiam ser considerados difíceis de enquadrar na história do estoicismo. Por entre impulsos de idealismo com tonalidades e modalidades diversas, uma tendente a sentimentos de encratismo e outra de espírito algo mais libertário, desenha-se uma linha intermédia marcada por algum sentido prático e equilibrado que acaba, de uma forma realística, por conhecer um acolhimento mais ou menos alargado nas suas variadas orientações.

Este retraimento conducente a uma prática sexual preferencialmente orientada pelo matrimónio e para a procriação acabou por representar uma ideia marcante de um legado cultural grego alargado. Com efeito, nele se encontram em convergência posições provenientes do platonismo, do estoicismo e também do pitagorismo. Encontrando-se na época helenística com esta base cultural, os pensadores judeus e cristãos acabaram por aproveitá-la com alguma naturalidade, no intuito de sobre ela continuarem a desenvolver as suas ideias. Intervieram fatores de convergência cultural, concorrendo com a natural univocidade das coordenadas essenciais de comportamento que existem entre os humanos.

Na segunda parte desta longa e profunda análise, a Autora estuda as regras de vida sexual presentes nos textos da Bíblia. Para tal, serve-se, como foi dito, da versão que transpôs estes textos para o mundo de língua grega, aproveitando igualmente a reelaboração destes temas bíblicos que foi empreendida por parte de Paulo e de Filon de Alexandria. Também nestes, as ideias de origem bíblica eram objeto de uma reelaboração com base em dados da cultura grega, exprimindo os seus resultados igualmente em grego.

O conjunto de ideias que podemos recolher no Pentateuco parecem pressupor uma conceção tranquila da sexualidade no que toca à sua vivência propriamente dita. Não há na Bíblia uma elaboração teórica muito explícita relativamente ao sistema de valores e ao significado da

sexualidade em si mesma. Do ponto de vista de uma avaliação essencial do sentido e da apetência humana pela sexualidade, a maneira positiva como é ali vista pareceria convergir mais com a visão positiva dos estoicos e um pouco menos com as reticências do platonismo. Normativamente, o que na Bíblia mais se destaca é a proibição de determinados comportamentos que são considerados particularmente aberrantes. Sublinha-se particularmente o impacto interpessoal, familiar e social da sexualidade, regulamentando, por exemplo, as questões relativas ao incesto e ao adultério, por aquilo que podem implicar de prejuízo e de ofensa para com os direitos de outros. Pelo contrário, os textos bíblicos foram assumindo bastante importância relativamente àquilo que a Autora designa como sendo uma dimensão endogâmica da sexualidade. Com esta endogamia religioso-cultural, o objetivo que se pretende atingir é o de evitar o contacto com o mundo das divindades pagãs, que tinham pontos de contacto em determinados rituais que implicavam a sexualidade. A intenção seria impedir as más influências que por essa via se poderiam infiltrar. Esta preocupação endogâmica potencia ainda mais o sentido social da sexualidade.

Em suma, as matérias mais sensíveis da sexualidade, segundo a Bíblia, situar-se-iam nos domínios de uma antropologia social e cultural, mais do que no reduto ético restrito da antropologia individual. Não porque esta última se rejeite ou menospreze, mas porque se assume com naturalidade e alegria.

É precisamente a este tipo de endogamia religiosa e cultural que Paulo parece continuar a dar importância e é neste âmbito que parece enquadrar-se a insistência com que trata a problemática da “fornicação”, conceito específico programado para constituir o objeto desta investigação e o essencial deste estudo. A metáfora da fornicção espiritual definida pelos profetas será, por conseguinte, de grande utilidade na construção do sistema de pensamento com que Paulo desenvolve as coordenadas da teoria e da prática cristã. Invertendo e complementando a dinâmica da metáfora da fornicção espiritual, Paulo aproveita as virtualidades da sexualidade intercultural como processo de sincretismo e de conversão, de modo a atrair os espíritos do mundo pagão a se converterem ao cristianismo. Uma nova metáfora de sexualidade espiritual se gera e se oferece, desta maneira, criando uma união espiritual com Cristo e com o seu corpo místico.

Entretanto, já antes de Paulo, outros autores no mundo judaico iam dando passos significativos na construção de linhas de convergência entre o pensamento bíblico e as tradições culturais gregas. É neste espaço de intenções que se inscreve muito da obra de Filon de Alexandria. Este foi um autor contemporâneo do próprio Paulo e, por via do acolhimento que mereceu do judaísmo da diáspora e, seguidamente, dos primeiros cristãos, acabou por se tornar um mestre de pensamento, até mais para os cristãos do que para os judeus. Na sua síntese sobre a sexualidade, Filon encontra-se fortemente enraizado nas doutrinas do platonismo, lidas numa linha de teor já bastante restrito, concentrando o espaço prático de sentido e vivência da sexualidade no âmbito matrimonial, comandado pela intenção procriadora. O judeu Filon mostra-se, deste modo, bastante helenizado.

As teorias sobre valores e modelos de comportamento sexual que decorrem dos textos do Pentateuco e dos profetas chegam naturalmente até Paulo; e com essas coordenadas este reelabora a sua perspectiva de convergência com os padrões que constavam no legado cultural helénico. Paulo nem é um simples filósofo helenista nem se limita a posições idênticas às mantidas pelos rabinos no mundo judaico. Define-se como promotor de um sincretismo característico do helenismo.

Na terceira parte, a Autora estuda a transformação e desenvolvimento das regras dos filósofos gregos, de Paulo e de Filon, tal como foi empreendida por parte dos Padres da Igreja. E, neste âmbito específico, as interpretações prosseguiram em três direções sensivelmente diferentes umas das outras.

Uma direção mais radical é aquela que foi encabeçada por Taciano. Esta orientou-se para um posicionamento mais radical, caracterizado por uma oposição total à sexualidade. É o que se costuma designar como encratismo. Com base nesta atitude recusa-se a sexualidade e o casamento, vendo nessa recusa uma condição necessária para a salvação.

Numa outra direção, vai o pensamento de Clemente de Alexandria. Este assentava sobre a maneira de compaginar os princípios de sexualidade enraizados na cultura já comum e também na Bíblia e na sua própria tradição nacional egípcia, com várias influências, de modo a garantir a possibilidade de se poder fundamentar o programa humano de procriação. Esta é a posição que caracteriza o *main stream* da ortodoxia mais representativa, tanto do ponto de vista filosófico como nos posicionamentos religiosos. Em Clemente, este procriacionismo é especificamente valorizado como sendo a verdadeira razão de ser da vida matrimonial para os cristãos. Ele considera-o, por isso mesmo, a única justificação para uma normal vida sexual. A alternativa a esta concessão deveria ser a virgindade. Percebe-se quão distante está esta espiritualidade do sexual relativamente às posições do homem bíblico, muito mais abertas e otimistas. Neste sentido, Clemente foi, de algum modo, um teorizador daquilo que seria o pensamento representativo do cristianismo sobre esta matéria. Das velhas raízes bíblicas da sexualidade praticamente só se conserva aqui o horizonte de endogamia religiosa, que era uma atitude de algum modo restritiva, assumindo a endogamia religiosa como uma razão de estratégia teológica mais do que como uma restrição de cariz autenticamente sexual. Em certo sentido, Clemente está mais na linha das reticências helénicas que da positividade do homem semita e bíblico.

A terceira posição ficou conotada com o nome de um contemporâneo de Clemente. Chamava-se ele Epífanês e foi um jovem pensador alexandrino, que deixou o seu nome ligado a este tema, apesar de ter falecido bastante precocemente. Este estava mais diretamente em ligação com o pensamento dos filósofos gregos, sobretudo na linha otimista e aberta do estoicismo primitivo. Tal como estes, Epífanês deixava as portas abertas para uma vivência da sexualidade livre e socialmente acessível. Esta proposta pretendia inclusivamente aproveitar algumas tendências de grande vivência comunitária que dinamizavam o cristianismo primitivo e eram marcantes na comunidade cristã de Alexandria, no século II. Estas práticas suscitavam reações de escândalo da parte de muitos, porque lhes pareciam comportamentos de libertinagem. De qualquer modo, o modelo que prevaleceu foi a síntese elaborada por Clemente, na qual a sociedade daquele tempo reconhecia uma representatividade, apesar de tudo, realista.

A Bíblia grega parece estar na base de algumas das posições de Taciano e de Clemente, que tinham sido recebidas através de Paulo. Esta linha de razões bíblicas específicas a interferir na planificação da vida sexual tem andado claramente negligenciada por parte dos estudiosos da história do pensamento e das mentalidades. Apenas os estudiosos de Antigo Testamento costumam recorrer a ela, se bem que o façam principalmente para corrigir erros e falhas que lhes parecem evidentes no texto hebraico. É claramente pouco. A Bíblia hebraica está de algum modo secundarizada na construção do pensamento e das coordenadas de comportamento do cristianismo primitivo. Nesse

papel, o que esteve presente de modo praticamente exclusivo foi a Bíblia grega. Entretanto, para este efeito concreto poderá ser pouca a diferença que se descobre entre ler a Bíblia em hebraico ou lê-la em grego.

Esta linha semântica que vai dos Setenta até Paulo e dele chega ao cristianismo primitivo, em matéria de sexualidade suspeita, pode muito bem ser representada pelo conceito bíblico de *porneia*, que se apresenta como sensivelmente diferente do conceito grego corrente e não bíblico. Em Paulo, este conceito descreve não apenas as práticas de sexualidade situadas fora das normas mais aceites entre sociedades humanas. Sem se limitar a ser definido como uma aberração de comportamentos sexuais humanos, o conceito de *porneia* serve, em Paulo, principalmente para definir qualquer sexualidade que se situe fora do contexto teológico e axiológico da fé bíblica e cristã. As duas modalidades que cada cristão pode ter para assumir a sua sexualidade são a virgindade ou o matrimónio. Ambos aparecem teologicamente enquadrados na sua condição principal de fé, que os define como cristãos em Cristo. Quanto aos aspetos humanos de prazer naturalmente associados à sexualidade, Paulo parece enveredar mais pela naturalidade com que a questão é acolhida e vivida no mundo bíblico, sem sequer prestar atenção aos impulsos restritivos implicados nas teorias éticas do procriacionismo. A perspetiva otimista da antropologia sexual bíblica mais a omite do que a rejeita. A questão estratégica que o preocupa é a questão do enquadramento religioso cristão ou pagão da vida sexual.

Neste modo de olhar com naturalidade para a vida sexual, a cultura bíblica tradicional representava, como já foi referido, uma visão humana positiva e otimista, algo semelhante àquela que propunham os primitivos estoicos. No entender de Paulo, o casamento compreende-se enquanto humano, mas, do ponto de vista religioso, justifica-se sobretudo no seu enquadramento teológico cristão. Daqui resulta que Paulo seja tão sensível ao caráter religioso do mundo de cumplicidades que se definem por dentro das experiências da sexualidade, mesmo no tocante às cumplicidades entre um casamento e as divindades pagãs. Isso é evidente na maneira como define o enquadramento da sexualidade no sistema de pensamento do cristianismo. Na verdade, a sexualidade entre os gregos já se orientava igualmente para o relacionamento com os seus deuses. E é por este pormenor de enquadramento que Paulo considera que essa sexualidade pagã como estando marcada, de forma decisiva, pelo conceito de *porneia*. O que, neste sentido, distingue verdadeiramente a sexualidade dos gregos e a dos cristãos é a diferente conceção de Deus que serve de fundamento e que funciona como referência para cada um dos sistemas. Um elemento importante que é comum a ambas as maneiras de ver é que, tanto numa como noutra, se exprime a perceção de que o universo da sexualidade representa uma plataforma humana de verdadeira transcendência. E o facto de ambas as culturas religiosas coincidirem nesta base de antropologia filosófica não é certamente uma questão de somenos importância. O universo da sexualidade, na sua transcendente dimensão antropológica, tem todas as razões para poder mostrar claramente a sua abrangência ecuménica.

Para concluir, importa valorizar o sentido do título, *The Making of Fornication*, que poderia parecer inicialmente algo estranho. Os elementos do subtítulo, nomeadamente *eros*, ética e planificação política não deixam de nos dizer claramente que se trata de verificar de que maneira é que o tema da *porneia*, isto é, da “fornicação”, entra na construção de sistemas de coordenadas e de valores representativos da sociedade, vista num horizonte político-social ou numa perspetiva de reformulação humanista, no espaço do cristianismo. A ideia de construção, que é referida em título, significa igualmente o processo que leva a definir uma consciência antropológica assumida

relativamente à sexualidade, ao longo de um período culturalmente muito movimentado da história. O facto de se tratar de um olhar que deambula continuamente entre o mundo helénico e o espaço do cristianismo pode ver-se expresso de forma algo pitoresca no aspeto lúdico com que se joga com as letras do título, fazendo-as saltitar entre formas gráficas gregas e latinas, isto é, gregas e não gregas, representando o que de não grego poderia vir do lado da Bíblia.

Este livro é de grande importância porque faz, com alguma lucidez, o ponto da situação daquilo que se costuma chamar o legado judaico-cristão no domínio das mentalidades e das práticas relativas à sexualidade. E este particular aspeto é uma questão maior nas redefinições que, de maneira demasiado apressada e ligeira, se vão, por vezes, declarando e repetindo, em meios de comunicação social.

No seu capítulo 11, a Autora procede a uma conclusão geral, retomando em síntese todo o longo percurso demonstrativo, através dos autores e das obras estudadas, e procurando relacionar os posicionamentos de uns com os dos outros.

Entretanto, o pequeno texto resumo apresentado na contracapa parece associar as atitudes de encratismo que se observam no cristianismo, de forma diluída e mais ou menos prolongada, com raízes bíblicas, parece ter ficado demasiadamente simplificado e não muito coincidente com aquilo que foi exposto ao longo de todo o livro. Parece escrito por outra mão. O facto é que da Bíblia e do discurso paulino decorriam razões teológicas de exclusividade que geravam tendências encráticas e sobretudo religiosamente endogâmicas. No entanto, no que toca à compreensão e assunção fundamental da sexualidade em si mesma, verifica-se claramente na tradição bíblica um claro otimismo e um mais natural acolhimento para a vivência humana da sexualidade. Em vários dos autores gregos estudados, pelo contrário, as razões de pessimismo relativamente ao corpo e de encratismo afetam mais negativamente a visão essencial e vivencial da sexualidade. O facto é que as razões para alguma endogamia religiosa por parte do mundo judaico nunca produziram movimentos significativos de encratismo ou de maior apetência para atitudes de virgindade. A sua fase de exposição à cultura grega ocorreu numa época menos constituinte do que o que aconteceu com o cristianismo. Terá isso algo a ver com a questão?

O livro oferece como complementos uma bibliografia especializada de cerca de trinta páginas e com índices onomásticos e temáticos que muito o valorizam como instrumento de estudo voltado para uma questão transcendente, numa época que se revelou decisiva para a respetiva definição teórica e para as normalizações que padronizam a prática.

Em suma, trata-se de uma excelente investigação, cujo aparecimento em livro não se pode menos do que saudar e celebrar com entusiasmo.

José Augusto Ramos

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
